



Desconstruindo gênero na escola.

Yanne Livia Xavier Diniz (1); Meline Manguiera Bezerra (2); Alanne Gomes de Menezes (3); Lúcia Maria Temóteo (4).

Faculdade Santa Maria. yanne_cz@hotmail.com

RESUMO: Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada em uma escola do sertão paraibano com estudantes do ensino médio e teve como objetivo compreender a construção das relações de gênero no ambiente escolar. Levou-se em consideração que a questão de gênero é pouco debatida em sala de aula, seja pelo fato das instituições educacionais não darem importância ao tema ou pelo despreparo dos professores. Trabalhou-se, portanto, o conceito de gênero, concebendo-o numa perspectiva cultural. Para nosso embasamento teórico utilizamos autoras e autores como Scott (1995), Louro (2000), Goellner (2010), Silva (2013), entre outros. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa qualitativa de intervenção com a presença de 18 jovens, sendo 11 do sexo feminino. Foram exibidos dois vídeos: um deles trata dos papéis socialmente determinados pela sociedade como sendo masculinos e femininos e o outro questiona os brinquedos atribuídos ao menino e à menina. Após a exibição dos vídeos, aconteceu a discussão e esta foi gravada. Os resultados apontam uma resistência dos meninos na participação das discussões, sendo que a maior resistência ocorreu no trabalho com o primeiro vídeo. Já as meninas se mostraram desinibidas para as discussões. O cotidiano dos/as jovens foi revelador, pois apontou nas falas de ambos que as atividades domésticas ainda cabem às mulheres, enquanto aos homens, a esfera pública. Não há uma divisão de tarefas mesmo na vivência de meninos tão jovens. O estudo mostra que a temática gênero é um assunto tabu na escola.

Palavras-chave: gênero, educação, sexismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte de uma pesquisa realizada numa escola de ensino médio em uma cidade do sertão paraibano e teve como objetivo verificar a postura dos estudantes no que diz respeito aos papéis de gênero definidos pela sociedade e, conseqüentemente, entender como as relações de gênero são retratadas no interior daquela escola. Tratou-se de uma pesquisa de intervenção, onde utilizou-se uma abordagem de grupo focal no contexto de gênero e sexualidade, cuja intenção foi apontar as possíveis práticas sexistas e promover questionamentos no interior da escola, no sentido de ressaltar o respeito às diferenças.

O conceito de gênero surgiu a partir da interação de várias ciências como a filosofia, sociologia, psicologia, mas bastante impulsionado pelo movimento feminista. Vários nomes se destacaram por trabalharem na elaboração desse conceito. Ressaltamos a contribuição da escritora francesa Simone de Beauvoir, que em sua obra intitulada “O Segundo Sexo (1949)” apresentou uma frase que se popularizou pelo mundo todo: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esta sentença nega o destino biológico atribuído às mulheres, ressaltando que as características atribuídas a elas são construções culturais.

A concepção do gênero é aqui compreendida enquanto construção social que uma dada cultura estabelece em relação a homens e mulheres ou, como define Scott (1995) é um “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos” sendo, portanto, “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 14)

Nesta mesma direção, reafirma Louro (2000, p. 6): “a inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”.

As questões relacionadas ao gênero são pouco debatidas nas escolas por várias razões, por exemplo: não estarem contempladas nos projetos políticos-pedagógicos das instituições de ensino e despreparo dos professores com o assunto. Embora as manifestações de violência de gênero sejam gritantes nas relações em sala de aula e nos intervalos, e esteja presente no conteúdo dos livros didáticos, o tema ainda é um tabu.

A ausência de questionamento nas escolas envolvendo essas questões mantém a hegemonia da divisão sexual na qual a mulher exerce o papel de subjugada pelo homem. Evidentemente essa realidade é reveladora de preconceitos e cabe ressaltar que, especificamente no Brasil, ela recebe um ostensivo respaldo das religiões de vertente cristãs.

A violência de gênero existe e atravessa todas as instituições de ensino sendo observada como algo natural, seja praticada por alunos ou por professores. Porém, a escola deveria ter a responsabilidade de ser o palco de excelência no combate à desigualdade, numa perspectiva de desconstruir padrões feminilidade e masculinidade criados pela sociedade, promovendo a reflexão do respeito às diferenças, mostrando outras possibilidades.

Louro (2000), relata que as manifestações de amizade ou carinho entre meninos são mais controladas do que entre meninas, e precisam estar dentro dos “limites”, pois em nossa cultura manifestações como afeto são alvo de vigilância, e aqueles que se atrevem a se expressar de forma “diferente”, fazendo carinho em um colega, por exemplo, sofrem preconceito, são alvo de piadas, brincadeiras, e de violência. De modo geral, meninos e meninas aprendem desde a infância a dirigir piadas e apelidos àqueles que não se “enquadram” aos padrões de gênero da cultura em que vivemos. Nas escolas observa-se comportamento de desprezo e afastamento por parte dos estudantes como se a orientação por um gênero fosse contagiosa. A autora conclui que a escola se torna um dos lugares mais difíceis para um jovem “assumir” sua condição de gênero ou de orientação sexual.

Segundo Goellner (2010, p. 82):

Qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota.

Cada indivíduo possui a sua subjetividade, que precisa ser respeitada, independente das diferenças, pois se os corpos são diferentes, a sexualidade e o gênero também o são. A nossa sociedade, através da mídia, impõe um padrão de gênero, orientação sexual a ser seguida, com exemplos de pessoas heterossexuais, ditas como normais, que expressa desigualdade, e quando transmitido é depois reproduzido na escola, na família, na comunidade. (GOELLNER, 2010). Também caberia a escola trazer essa discussão da imposição dos estereótipos veiculados pela mídia, cujo objetivo é normatizar corpos e vivências.

Silva (2013) também concorda que a escola precisa aprimorar conhecimentos sobre a temática gênero, reconhecer que a sociedade é dinâmica, transmitir valores éticos, promover a quebra do preconceito e das atitudes de alunos e professores.

É importante capacitar os professores para que seja possível trabalhar o tema gênero nas escolas de uma maneira que não transmita apenas informações, mas sim de modo que os

jovens reflitam sobre questões do seu dia-a-dia, levando em conta o ambiente dentro e fora da escola, os mitos, valores e as crenças sobre essa questão, porque o preconceito e a violência de gênero que se manifestam em sala de aula, nos corredores, em casa, são pouco discutidos. (BEIRAS, TAGLIAMENTO, TONELI, 2005).

A discussão de gênero deveria fazer parte de um projeto de cultura de paz nas escolas de forma dinâmica e crescente, e não apenas em um momento estanque da vida escolar.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa e de intervenção. A pesquisa qualitativa, de acordo com Arilda (1995), constitui-se de questões ou focos de interesses gerais, que se definem ao longo do estudo, envolvendo a obtenção de dados descritivos sobre pessoas e lugares, onde o pesquisador tem contato direto com o objeto ou situação estudada. A pesquisa de intervenção, intervém em uma determinada realidade social, tendo como principal aspecto a participação ou envolvimento do sujeito com o seu objeto de trabalho, partindo sempre de uma problematização, na tentativa de promover mudanças no objeto.

A pesquisa foi realizada numa sala de aula do 3º ano do ensino médio e aconteceu em dois encontros, em dias alternados. No primeiro encontro exibimos o vídeo “Acorda Raimundo, Acorda!” (1990, Alfredo Alves) e no segundo encontro, os vídeos “Tara e Dom – Homofobia, é melhor falar”(2016) ¹.

O vídeo “Acorda Raimundo, acorda” (1990, Alfredo Alves), mostra um casal em seus papéis invertidos, onde o homem (Raimundo) apropria-se do papel que a sociedade acredita que seja da mulher e, conseqüentemente, a mulher (Marta) passa a apropriar-se do papel do homem. Enquanto Marta trabalha fora de casa em uma oficina, ele vive cuidando da casa e das crianças, oprimido pela sua esposa. Enfatiza a dificuldade do dono de casa para conseguir da esposa algum dinheiro para as necessidades da casa e das crianças, como também o medo de revelar sua gravidez. O vídeo também mostra Marta chegando em casa tarde, um pouco agressiva, depois de sair do trabalho para tomar umas cervejas com as amigas. Ao final sabe-se que o vídeo refere-se à um sonho de Raimundo e que, ao acordar, os papéis são recolocados, fazendo com que Raimundo passe a agir de forma grosseira e machista com sua esposa.

¹ A informação sobre autoria e data não encontra-se disponível por ser uma produção de vídeo caseiro. Disponível no youtube.

O outro vídeo, cujo título é “Iara e Dom- Homofobia é melhor falar”(2016) apresenta um diálogo entre uma mãe e seu filho de 4 anos. Iara, a mãe, questiona ao filho os motivos que o levaram a cortar o cabelo. Dom, o filho, responde que cortou o cabelo porque na escola as pessoas o chamavam de menina e ele se sentia triste, embora gostasse do seu cabelo. O menino conta para a sua mãe que na escola existe a separação de brinquedos para meninas e brinquedos para meninos, separação esta que acontece também com as cores, sendo rosa e vermelho para meninas e azul e amarelo para meninos. No diálogo, Dom expressa que na sua casa ele tem a liberdade de brincar com o que quiser, desde que ele esteja feliz; e que brincar de cozinhar, varrer não significa que ele seja uma menina, pois seu pai cozinha, usa camisa cor de rosa e isso não significa que ele seja menina.

Após a exibição de cada vídeo foi feita uma discussão e as falas dos jovens foram gravadas. Cada encontro teve a duração média de 40 (quarenta) minutos.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Em média, participaram dos dois encontros, 14 jovens, 11 do sexo feminino e 3 do sexo masculino. No primeiro encontro notamos que os garotos riam e brincavam com a situação. Também no momento da discussão, pareciam inibidos para discutirem o assunto, preferiram levar na brincadeira, com piadas sexistas. Já de imediato ficou evidente o incômodo dos rapazes ao se defrontarem com uma situação em que o homem, na tela a sua frente, assumia humilhantemente a condição da mulher. No segundo encontro, assistiram o vídeo do diálogo entre a mãe e o filho sem fazer quaisquer comentários.

Na discussão do vídeo “Acorda, Raimundo” uma menina falou que em sua casa a mãe faz o trabalho doméstico e que “os homens só sabem ficar sentados, assistindo futebol”. Uma outra menina destaca que conhece homens que fazem trabalho em casa, “mas é minoria, os homens acham que isso é coisa de mulher, só para mulher. É igual o meu irmão, se eu colocar ele para secar a louça ele diz que é coisa de mulher. É para você fazer, não eu”.

Questionados/as se a inversão de papéis fosse possível, uma aluna diz que não vai fazer “diferença nenhuma, pois minha mãe trabalha e cuida da casa, ela é minha mãe e meu pai, é igual a esse vídeo aí só que sem o homem”. Apenas um menino se manifestou, embora timidamente, “eu ainda passo a vassoura na casa.”

Foi evidente a resistência dos meninos para se colocarem no debate sobre o vídeo. Eles assumiram a postura do silêncio ou de conversas paralelas entre eles. As meninas, ao contrário, colocaram-se e mostraram-se bastante participativas, abertas e interessadas na

discussão. A postura dos meninos e as falas das garotas retrata uma realidade que ainda é comum no Brasil: as mulheres permanecem com a responsabilidade do trabalho doméstico, apesar delas terem conquistado o mundo do trabalho, fora de casa, e muitas vezes sustentarem financeiramente a família. Já os homens, em sua maioria, seguem achando vergonhoso cuidarem do que denominam ser “trabalho de mulher”.

De acordo com FRANÇA e SCHIMANSKI (2009, p.73):

Verifica-se que o trabalho da mulher já não é visto somente como complemento da renda familiar. Contrariamente, na maioria das vezes é tido como sendo o principal rendimento da família, mesmo diante do preconceito e da desigualdade que predominam nas relações de trabalho. Diante disto, deve-se considerar também que o peso das responsabilidades domésticas que recai sobre as mulheres representa mais um obstáculo as suas responsabilidades de participação integral e em desigualdade de condições no mercado de trabalho.

Pupo (2007) lembra que as mulheres são segregadas e, por questões de hierarquias culturalmente construídas, são submetidas aos valores masculinos, onde os homens são mais viris e as mulheres destinadas aos afazeres domésticos.

No nosso segundo encontro na sala de aula notamos que os meninos se sentiram mais à vontade do que no primeiro encontro e, assim, colaboraram mais com a discussão. Após a exibição do vídeo “Iara e Dom- Homofobia, é melhor falar” (2016), as pesquisadoras questionaram os/as alunos/alunas pedindo que eles/as falassem sobre a realidade de suas vidas. As falas que ilustram essa discussão foram selecionadas e estão aqui destacadas:

Eu sempre tive liberdade para brincar com o que eu quisesse, eu acho que quem sofre mais com esses tipos de preconceitos são os homens em relação a brinquedos e as cores. (Menina)

Antigamente o preconceito era maior, hoje é mais aberto é mais liberal, hoje vemos homens com roupas nas cores rosa, vermelha, hoje eles brincam de tudo. Os meus vizinhos eram homens e eu tinha que brincar com eles. (Menino)

Tinham as cores pra meninos e pra meninas. (Menino)

Antes de eu nascer, minha mãe comprou várias roupas na cor azul, pois ela achava que ia nascer um menino, ela não quis saber antes o sexo. (Menina) Brincávamos de Carrinhos, bolas. (Menino)

Era difícil meu irmão brincar comigo, quando a gente era pequeno, mas quando eu cresci mais um pouquinho eu obrigava ele a brincar comigo de casinha. (Menina)

Uma das meninas reconhece que no quesito uso de cores e brinquedos os homens são as maiores vítimas, pois as proibições são mais destinadas a eles. Em especial, no uso das cores das roupas, os meninos reconhecem que mudanças foram feitas permitindo que eles, hoje, sejam mais livres para usarem o que antes era exclusividade das mulheres.

Sabemos que, em geral, são oferecidos aos meninos brinquedos como armas, roupas de super-heróis ou de luta, jogos violentos, ou seja, jogos que remetem ao espaço público e à violência. Para as meninas são oferecidas bonecas, fogões e demais utensílios domésticos em miniaturas, por sua vez, brinquedos relacionados ao espaço privado. Tais brinquedos apenas

reforçam os estereótipos de que os meninos são fortes, destinados à luta, à agressividade e as meninas, frágeis, portanto, destinadas à obediência.

De acordo com Vianna (2009, p. 273) as meninas e os meninos desenvolvem seus comportamentos com o objetivo de corresponder às expectativas depositadas por uma sociedade sexista, onde muitas vezes a família, os professores, as instituições e todos os ambientes nos quais eles/as interagem, reforçam as habilidades distintas para cada sexo, ou seja, o que é mais adequado para cada gênero.

CONCLUSÃO

As falas dos jovens, participantes da pesquisa, mostram fortemente a assimetria de gênero e como este ainda é um tema tabu, especialmente entre os meninos. Possivelmente a posição cômoda de “dominador” os impedem de se aprofundarem nessa discussão.

Quando o assunto diz respeito a opressão das mulheres, as meninas, em geral, tendem a participar bastante, talvez por serem reconhecidas. Elas não parecem inibidas para emitirem as suas ideias.

Percebe-se nitidamente, em relação às tarefas domésticas, que estas ainda são colocadas para as mulheres. O que nos chama mais a atenção é que as declarações aqui apresentadas não são de homens de gerações passadas, mas sim de adolescentes, o que reforça que mesmo com todas as conquistas dos movimentos feministas, ainda há muito a ser conquistado.

Percebemos, também, que a discussão de gênero nas escolas é muito insipiente ou não existe. Nesse sentido, apontamos que a escola deve desenvolver ações educativas, voltadas às questões de equidade de gênero, para que seja possível uma sociedade mais justa e igualitária para com as mulheres.

REFERÊNCIAS

BEIRAS, Adriano; TAGLIAMENTO, Grazielle; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar**. Aletheia, n. 21, p. 69-78, 2005.

FRANÇA, Ana Letícia de; SCHIMANSKI, Édina. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. v. 9, n. 1, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Revista de Administração de Empresas .

GOELLNER, S, V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Caderno de Formação RBCE, p. 71-83, mar.-2010.

LOPES LOURO, Guacira. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Edição SOS Corpo, Recife, 1993, p. 13-25.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva. **Diversidade Sexual e de Gênero: A Construção do Sujeito Social.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v5n1/a03.pdf>>. Acesso em: 04 de outubro de 2016.

PUPPO, Kátia Regina. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. USP, São Paulo, 2007.

VIANNA, Claudia et al. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** Cadernos pagu, v. 33, p. 265-283, 2009.

Vídeo Acorda Raimundo (1990 Alfredo Alves): <https://www.youtube.com/watch?v=NWDv9QuMtAk>

Vídeo Iara e Dom. Homofobia é melhor falar : <https://www.youtube.com/watch?v=EoI99u6ab>